

## EDITORIAL

*Cadernos PET Filosofia* é uma revista feita por estudantes para estudantes. Então, não apenas é um periódico rigoroso – indexado pelo sistema Qualis-CAPES, com política editorial estrita de revisão por pares, mantido por instituição sem fins-lucrativos e de acesso gratuito –, como também é uma revista engajada e comprometida. Engajada porque, como estudantes, nos envolvemos com os desafios de nosso tempo; e nos envolvemos de maneira colaborativa, com gestão plural e participativa, cujo compromisso é, justamente, o bom encontro entre o rigor filosófico e os temas que fazem nosso tempo.

Não é à toa que este número da revista chama-se Imagens do Antropoceno. Por um lado, não nos atrevemos a ignorar o chamado feito pela ativista Greta Thunberg, durante o Fórum Econômico Mundial, em 2019, quando ela disse que *a nossa casa está em chamas*. Por outro lado, nos colocamos diante das urgências com a paciência de desatar nós, que é própria da Filosofia, para que as urgências encontrem também um lugar entre esse tempo e outros ainda. Trata-se, portanto, de uma paciência não-ingênua, como a de Penélope a fiar o sudário, mas trata-se também de uma paciência situada, porque feita por estudantes de Filosofia, na América Latina, a partir de Curitiba, território mbyá-Guarani, onde gorjeiam os sabiás.

A presente edição aborda as consequências políticas, os pressupostos metafísicos e as imagens produzidas sobre a época geológica designada Antropoceno, cuja característica é o impacto massivo da agência humana sobre o sistema biogeofísico da Terra. Busca fornecer assim, ao menos, um léxico filosófico, mediante o trabalho de análise e imaginação conceitual, capaz de permitir novas abordagens sobre a situação ecológica dos povos humanos e extra-humanos no planeta – a sua cosmopolítica. Como estudo filosófico, não tem a pretensão de dizer com isso a última palavra sobre o assunto. Mas sim, de fazer eco ao chamado, com o engajamento que nos é próprio.

No artigo que abre esta edição, *José Geraldo da Silva Junior* evoca a impotência de Antonin Artaud, antes um aprendiz entre os Tarahumaras, agora trancafiado em um manicômio, para confrontar o intolerável. Dali emerge não apenas a crítica àqueles que medem o espírito com a régua do entendimento, mas também uma saída para se pensar uma nova aliança, entre poesia e filosofia, desvinculada de uma imagem moral sufocante. José Geraldo reitera o laço diplomático feito pelo *logos* poético, de Ailton Krenak, para então fazer do encontro entre Antonin Artaud e Roberto Piva uma abertura: “abertura de inscrições para voluntários que queiram se comunicar telepaticamente com as onças”, não apenas para “devolver as onças que vivem trancafiadas em zoológicos às florestas”, mas, como diria Guimarães Rosa, se oncificar.

Diante das consequências aparentemente invisíveis do Antropoceno, *Chana de Moura* denuncia um vocábulo empobrecido, que só faz ver quando relaciona os efeitos às causas, o que não reverte, de forma alguma, as implicações ecológicas de empreendimentos tecnocientíficos, tais como Chernobyl ou Fukushima. Talvez por isso, a arte torna-se um observatório privilegiado do Antropoceno. Afinal, “como olhar e por quais meios?”. Chana de Moura nos convida então a caminhar com Andrei Tarkovsky por zonas fronteiriças, onde as forças invisíveis põem em suspensão a “capacidade das pessoas de calcular causas e efeitos referentes às suas

ações”. Nessa zona de exclusão, nos deparamos também com Alice Miceli e um certo colapso da representação, o qual exige uma tradução capaz de fazer ver o que, até então, teria convenientemente permanecido invisível.

*Stefany Sohn Stettler*, por sua vez, nos lembra que Antropoceno é também a condição de um período marcado pelas zonas mortas, pela predação e pela invasão de espécies, cujo início coincide com a morte de mais de 50 milhões de americanos nativos, quando da chegada do colonialismo europeu no século XVI. Uma perturbação do *habitat*, cuja morte iminente de espécies situa também uma figura de reflexão, chamada “morto-vivo” ou “zumbi”. Desde a concepção haitiana ligada ao *Voodoo*, passando pelos contos folclóricos das *plantations* até o cinema de horror do séc. XX, Stefany Stettler faz a figura simbólica do zumbi operar como uma espantosa ferramenta para a compreensão do Antropoceno.

Em “Tristes psicotrópicos: colapso climático, colapso mental”, *Rubens Akira Kuana* nos incita a pensar os afetos atravessados pela emergência climática, pela extinção e, sobretudo, pela morte de um planeta tal como o conhecemos. Entre a esperança de que o trem do progresso possa ser desacelerado e a melancolia serena diante do fim dos fins, o autor borra as fronteiras entre normal e patológico, entre história natural e humana, e entre colapso ambiental e colapso mental, para repor a pergunta feita por Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski: há mundo por vir? Diante de distinções artificiais, mas respeitadas, como afirma Dipesh Chakrabarty, parece não haver “um remédio definitivo para a mente, outro para a alma e outro para o clima”. Mas, para dizer com Christian Dunker, a nomeação desse sofrimento está em jogo e dela depende, “não apenas os tratamentos disponíveis, mas também a esfera política”.

Em seu artigo, *Amanda Bueno de Oliveira* parte do conflito termodinâmico entre o sistema econômico capitalista e a sobrevivência dos seres vivos, enquanto dependentes de um fluxo entrópico, para opor dois modelos: aquele em que “os

sistemas operam abertamente com o meio, em busca de trocar energia para compensar o caos produzido”, e aquele que segue “a linha tênue entre produção e morte, dentro de um sistema isolado e mecânico”. Nessa reflexão, Amanda expõe, nos termos da lei de entropia, a insustentabilidade do capitalismo enquanto impossibilidade física. Talvez porque, conforme pontua com Luiz Marques, o mecanismo básico de funcionamento do mercado capitalista “é mesmo oposto ao mecanismo da homeostase dos organismos”.

Celebra o fechamento desta edição a análise de *Carla Letícia Domingues* sobre o direito ao controle da vida sexual e reprodutiva da mulher. Diante de uma lei pautada pela biopolítica e pelo biopoder, a autora retoma o papel da mulher desde a sua imagem herética, de caça às bruxas, em Silvia Federici, para então fazer ecoar em nós a força dos argumentos contra a violência do Estado. Uma voz que, não apenas retoma a histórica audiência pública de Débora Diniz, no Supremo Tribunal Federal, em 2018, mas nos lembra que a Filosofia não silencia, mas está atenta e forte.

Tal como um rito de passagem, a publicação de *Imagens do Antropoceno* teve início com os seminários do grupo *PET de Filosofia da UFPR*, tutorados por *Marco Antonio Valentim* e *Maria Adriana Cappello*, cerca de três anos antes que coubesse a mim, por acaso da fortuna, fechar esta edição, no fim do inverno de 2021. Sinto-me então, enormemente recompensado por ter o privilégio de cumprir a última etapa deste longo processo.

Sobretudo, gostaria de agradecer nominalmente àqueles estudantes de Filosofia que eu só conheci pelas sementes que plantaram. Por essa sombra reconfortante, obrigado *Caroline Feltz Pajewsky*, *Cleópatra Steffane Melisinas Citron*, *Gabriela do Espírito Santo Marchiori*, *Karine Cristine de Souza Barboza*, *Lucas Nascimento Vhnieska* e *Matheus Vitorino da Silva*.

Como última história que faz história, é com alegria que registro também a digitalização – e consequente disponibilização, de forma online e gratuita –, das edições impressas dos *Cadernos PET de Filosofia*, que correspondem aos primeiros 15 anos da revista, antes acessíveis somente fisicamente.

Penso que essas edições físicas, agora digitalizadas<sup>1</sup>, apenas reafirmam sua condição de obsolescência. E que bom que seja assim. Que seja preciso pessoas engajadas e comprometidas para torná-la atual. Quer dizer, essa revista não é feita de papel, mas de gente, não é mesmo?

*Martim Fernandes, estudante de Filosofia,  
bolsista do PET-Filosofia da UFPR.*



---

<sup>1</sup> Acessível em: <<https://petdefilosofiaufpr.wordpress.com/2021/04/11/memoria-em-revista/>>